

REPORTAGEM ESPECIAL

LISE SCHMITZ/ARQUIVO PESSOAL/JC



História de Lise Schmitz revela como a tecnologia pode criar novas oportunidades comerciais e abrir portas para o agronegócio no Rio Grande do Sul

Influencer do campo atrai jovens com conteúdo digital

O engajamento no programa Juventude Rural também contribui para captar jovens para o setor agrícola, provando que inovação e tradição podem caminhar juntas

Ana Esteves
Especial para o JC

A permanência do jovem no campo nem sempre depende de um processo de sucessão familiar na propriedade, mas ela pode ser resultado de uma nova forma de encarar a vida no meio rural. Quando a agricultora Lise Schmitz foi morar com o marido na propriedade dos pais dele, em Canela, não imaginava os desafios que teria pela frente e como superaria todos eles apenas mudando a forma de viver

fora da cidade grande.

Depois de muitas dificuldades, o casal adquiriu um hectare de terra e desenvolveu uma proposta produtiva diversificada, com um aviário, quatro estufas de tomate, corte de lenha e uma conta no Tik Tok que ajudou a fortalecer os negócios da família.

“Foi na pandemia que comecei a publicar vídeos da rotina na propriedade. Apareciam o aviário, a estufa e o corte de lenha. Um deles, mostrando o trabalho com madeira, chegou a 2 milhões de visualizações, por ser uma mulher realizando atividade pesada”, conta Lise.

A repercussão veio de diferentes partes do País. O que chamou a atenção foi o contraste com a imagem tradicionalmente associada ao trabalho rural: uma mulher bem arrumada, com as unhas feitas e sem abrir mão de

cuidados com a aparência, mostrando que a atividade no campo não determina uma única forma de se vestir ou se apresentar.

A reação do público revelou algo maior do que a força de uma rede social. Mostrou que havia interesse por uma narrativa diferente sobre o campo. “Hoje tenho mais de 100 mil seguidores e transformei a comunicação digital em uma nova frente de atividade, pois o conteúdo abriu portas para trabalhos e divulgações de lojas e empresas, criando oportunidades comerciais que nasceram da própria rotina rural”.

A tecnologia, nesse caso, não substituiu a agricultura. Passou a ampliar seu alcance e suas possibilidades de renda. A história dela revela uma mudança importante no campo: para a nova geração, permanecer não precisa significar fazer exatamente o

que os pais fizeram. Pode significar acrescentar novas atividades, incorporar tecnologia, criar marcas, comunicar-se diretamente com consumidores, agregar valor à produção e buscar renda também fora da porteira.

“Quero mostrar que posso ser agricultora, trabalhar no aviário, cortar lenha, realizar trabalhos pesados e, ao mesmo tempo, pintar minhas unhas, me cuidar, sair, participar de outras atividades e realizar trabalhos e propagandas para lojas e empresas da cidade”, relata.

Com foco em atrair cada vez mais jovens para a vida no campo, Lise se engajou no programa Juventude Rural da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Rio Grande do Sul (Fetag), e colabora no desenvolvimento de duas iniciativas: o Projeto Salada, que seleciona jovens para a construção de hortas dentro

das propriedades de suas famílias, e o Projeto do Pé ao Pote, que trabalha com a produção de geleias e, principalmente, com a agregação de valor àquilo que já existe dentro das propriedades.

“Buscamos proporcionar para esse jovem um espaço dentro da própria propriedade, onde ele possa aprender, produzir, assumir responsabilidades e também enxergar uma possibilidade de gerar a própria renda”.

Na produção das geleias, os jovens aprendem sobre o plantio e a produção, passam pela colheita e seleção das frutas, participam do processamento, da produção das geleias, da embalagem e chegam até a comercialização e a venda. “Conseguem enxergar todo o caminho que existe entre aquilo que é produzido na terra e o produto final que chega às mãos do consumidor”, afirma Lise.